

NATAL DA AUSTERIDADE

Com 30 anos de experiência no comércio, o empresário Walnir Machado diz saber quando é hora de economizar. Depois de adiar por três meses as compras para o Natal, o dono das lojas WS Couture (moda masculina) e a G Reinaldo Lourenço (moda feminina), resolveu pedir a seus fornecedores mercadorias em volume 10% menor que as encomendas feitas no passado.

Machado não tem dúvida de que em dezembro haverá aumento nas vendas em relação aos outros meses do ano, mas o crescimento não será, como nos anos anteriores, de 80%. "Não quero meu estoque cheio de ternos e vestidos, e ser obrigado a fazer às pressas uma promoção nos primeiros dias de janeiro", diz Machado.

No ano passado, suas oito lojas no Plano Piloto apresentaram uma alta no faturamento em torno 3% em comparação ao mesmo período de 1996. Crescer este ano será muito difícil. "Se tivermos um Natal igual ao do ano passado já será uma festa. Temos que ser cautelosos. Se o movimento surpreender, vamos recorrer às fábricas de pronta-entrega", destaca o empresário, também vice-presidente da Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista).

A cautela de Machado é observada entre outros empresários do comércio. Vilma Vieira Queiroz, proprietária da D'Presentes comprou este ano a mesma quantidade de produtos adquiridos no ano passado, mas adiou os pedidos em um mês. Vilma fez um acordo com seus fornecedores de bijuterias e cristais, que esticaram o prazo para receber as encomendas até o final deste mês. Na D'Presentes, as vendas em dezembro são, normalmente, 100% maiores que nos outros meses. "Estou acreditando que ficaremos no mesmo patamar este ano. Talvez um pouco menos, quem sabe?"

As incertezas sobre o comportamento das vendas em dezembro pode ser constatada na pesquisa divulgada pela Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), no início do mês: 42,3% disseram que vão

adiar as encomendas para novembro e dezembro. E 56,8% afirmaram que vão comprar este ano a mesma quantidade do ano passado. Pior: 19,8% deles disseram que vão comprar menos que em 1997. "O Natal é hoje uma incógnita. Eles vão esperar até o limite para gastar e quando fizerem isso devem investir em produtos de menor preço", avalia o presidente da Fecomércio, Sérgio Koffes.

FATURAMENTO

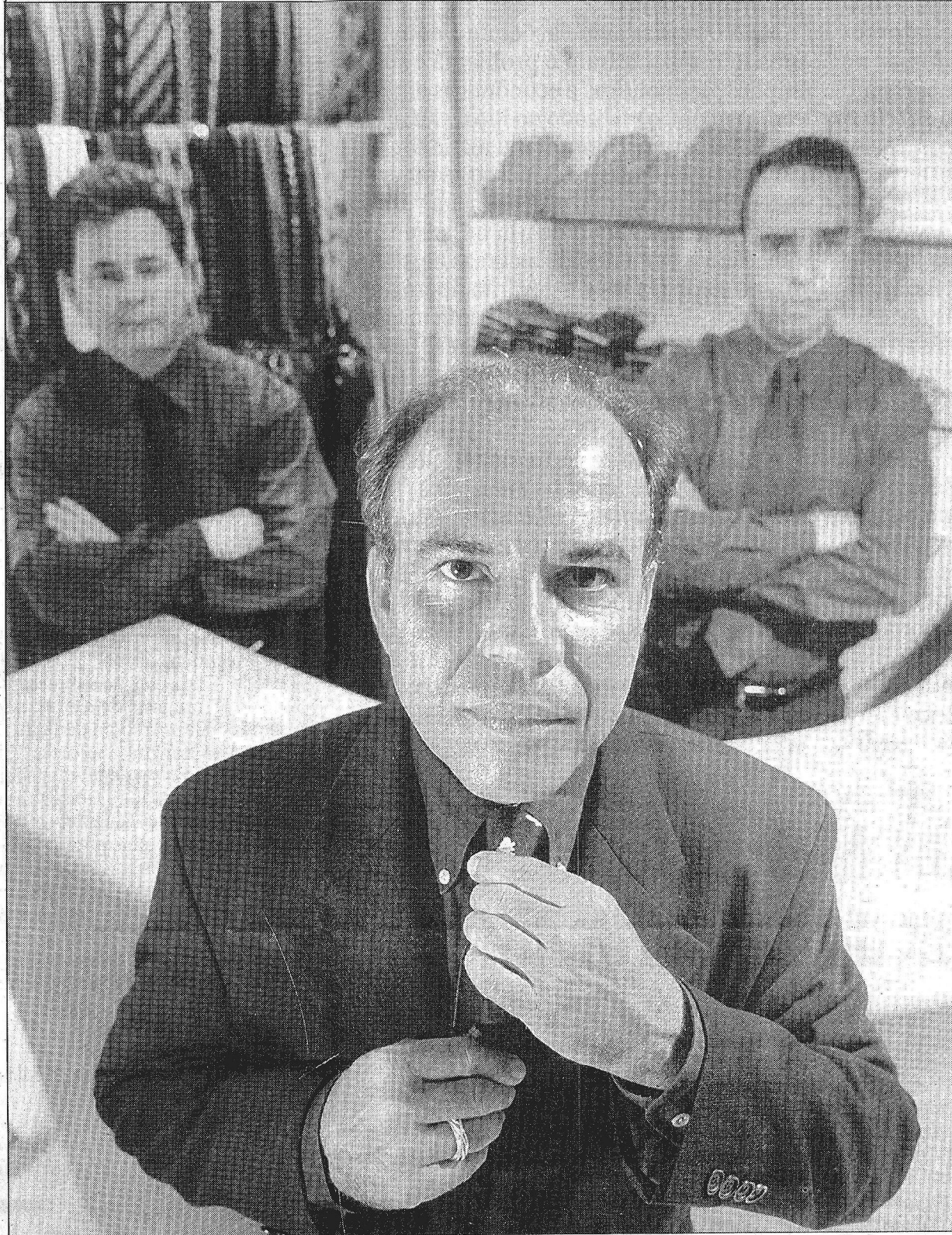
Koffes acredita que vai se repetir no Natal o que aconteceu no Dia das Crianças, quando os consumidores optaram por produtos mais baratos. Os preços dos presentes comprados às vésperas do dia 12 de outubro variaram entre R\$ 8 e R\$ 15. "Os comerciantes venderam bem, mas não aumentaram o faturamento."

O presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Cury, tem a mesma opinião e também aconselha os empresários a investirem em produtos mais baratos. "Mesmo sem dinheiro, as pessoas vão correr atrás das lembrancinhas. Vender produtos sofisticados será bem mais difícil."

As recomendações não servem para empresários de segmentos como eletrodomésticos, por exemplo, os mais atingidos com a queda nos preços: "Como terão que comprar os mesmos produtos, eles precisam ficar mais atentos para não encher os estoques." Segundo Cury, a expectativa em relação ao pacote fiscal do governo está deixando os comerciantes ainda mais cautelosos. "Só poderemos fazer uma previsão das vendas do Natal quando soubermos os planos do governo. As medidas devem afetar o consumo."

O presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Antônio Augusto Moraes, também acredita que a espera pela divulgação das medidas de ajuste fiscal contribuiu para que os lojistas adiassem seus pedidos à indústria. "A situação já estava indefinida, mas a expectativa a respeito das medidas deixou o setor ainda mais apreensivo.", explica Moraes.

Joédison Alves



Machado: "Não quero meu estoque cheio de ternos e vestidos e ser obrigado a fazer uma promoção às pressas"

13º não deverá estimular vendas

O pagamento da segunda parcela do 13º salário, que deve ser feito até o próximo dia 20 de dezembro, vai representar o ingresso de R\$ 6,05 bilhões na economia. É um volume de dinheiro extra bem menor que os R\$ 7,15 bilhões que entraram no final de 1993, quando o País ainda não convivia com a estabilidade monetária proporcionada pelo Plano Real.

No ano passado, foram R\$ 6,1 bilhões — R\$ 50 milhões a mais que o previsto para o final de 1998. Na avaliação do responsável pelos cálculos, o economista Márcio Pochmann, diretor do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit), da Universidade de Campinas (Unicamp), o 13º perdeu boa parte do poder de reaquecer as vendas.

"Se em 1994 e 1995, quando a economia estava crescendo, o décimo terceiro se converteu em consumo e endividamento, agora ele deve virar poupança ou pagamento de dívidas", diz Pochmann.

Muitas empresas, principalmente as de maior porte, já pagaram a primeira parcela do décimo terceiro junto com o abono de férias. Para as que não anteciparam, o prazo para o pagamento termina no final do próximo mês. No total, o desembolso das duas parcelas do décimo terceiro deve corresponder a 1,82% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro estimado para este ano, da ordem de R\$ 850 bilhões. No ano passado, essa relação foi de 1,85%. Na comparação com 1993, a participação do 13º salário na renda nacional teve queda de 0,59 ponto percentual. Isso é explicado pelo aumento do desemprego, pela redução do número de trabalhadores com carteira assinada e pelo crescimento das contratações informais e de autônomos, que não recebem o décimo terceiro.